

DESENCANTO E ESPERANÇA EM SINTAXE DO COMPROMISSO

Eliana Moraes

Conversando um dia com o professor Carlos d'Alge, após uma de suas aulas, indaguei-lhe porque *Sintaxe de Compromisso*? Confessou-me surpreso ser a primeira vez que lhe faziam esta pergunta, em meio a tantas outras. E disse-me pensativo: "Cada um tem a sua gramática própria para viver, a sua maneira de ver o mundo, analisar as pessoas e exercer um conhecimento próprio em cima das coisas que nos cercam".

De alguma forma, Carlos d'Alge sente-se na obrigação de transmitir algo de bom, de esperançoso, reconfortante, diante da fria constatação em que se depara"... as massas estão cansadas/de violência e abstração/cansadas de promessas e traições". (pg. 40)

Sintaxe do Compromisso é composto de 52 poemas escritos ao longo de parte da sua vida. Esta obra feita de etapas, muito significa ao homem e poeta Carlos d'Alge. São fases de sua vida, momentos decisivos e às vezes cotidianos, capazes de serem esquecidos pela efemeridade do tempo se não fossem registrados poeticamente.

É o homem em face de si mesmo, tentando se encontrar e encontrar-se no mundo em que vive, levando esperança e amor através de sua poesia.

As quatro partes que integram *Sintaxe do Compromisso* falam de esperança, paz, justiça e amor, formando um trevo poético na poesia de Carlos d'Alge.

"Uma certa primavera" denota a Revolução dos Cravos em Portugal, a 25 de abril de 1974, durante a primavera. Este

acontecimento histórico de grande importância reflete as aspirações de um povo "... o nascer do novo dia..." (pg. 34)

O último poema "Marinha", desta primeira fase, vem anunciando o início da segunda fase "como a palavra/ e o ato de amor" (pg. 36), dando sentido de continuidade e de perseverança ao livro.

A segunda fase "Ato de Amor" reflete um desejo de liberdade mesclado de melancolia e de resgate da memória. Na ânsia de esquecer os tristes momentos, caminha o poeta angustiado em busca do tempo perdido:

"Descompassado atravessa as horas
(...)
face ao rigor e aspereza dos caminhos
corridos na visível tormenta adiada". (p. 50)

"Paz", o último poema da segunda fase, é o prenúncio do fim de uma longa noite de presságios. Anunciando a tranquilidade conseguida e a paz tão esperada:

"O tempo deteve a sua carreira e olhou para nós.
(...)
Não creio que o amanhã esteja perdido
(...)
Não sei se há notícia do canto terrível que
meus ouvidos percebem e escondem.
(...)
Tuas palavras despertam novas esperanças
teu corpo é refúgio, anseio e ponto de chegada".
(pág. 57)

"Ponto de chegada", nem sempre é o fim de uma longa caminhada. O poeta olha ao seu redor e canta, não mais a sua dor, mas a dor da humanidade que se autodestrói:

"Imoral contudo
é a guerra,
e a poluição
dos mitos gerados
pela nossa insaciável cupidez." (pg. 65)

Assim parece ser a vida: plena de tristezas e raros momentos felizes. Angustiado o poeta explode num desabafo:

“Esgotamo-nos ou esvaziaram-nos,
corrompendo-nos até a medula...

(...)

Estamos cansados de promessas e traições”.

Desencantados, sem poder mudar o seu destino, o poeta é apenas um:

“solitário
busco o monte
à procura de perdidos sonhos”. (pg. 79)

Fisicamente o poeta ressurgue em favor da eterna “luta pela construção de um mundo melhor” (p. 83). Ao mesmo tempo que canta a desilusão, evoca a “Esperança”.

“O dia surgirá mais belo que a rosa
Desfolhando pétala branca pétala
o homem consegue destruir a bomba” (p. 82)

Em “Tempo de vigília”, última parte de *Sintaxe do Compromisso*, o poeta contempla encantado o passado. Saudosa lembrança de momentos que se eternizaram em sua memória.

A meu ver, o professor e poeta Carlos d’Alge jamais encontrará o paraíso de seus sonhos, porque estará eternamente indagando-se:

“Que rostos imprecisos se movem
nas ruas entre vitrinas e máquinas?
(...)
Que rostos imprecisos se agitam
entre fantasias e danações?” (p. 70)

Parece que só nos são possíveis breves momentos felizes, mas nunca a plena realização do ser, porque:

“Homens-máquinas / os homens-relógios
continuam a marchar”... (p. 76)

Através das poesias de Carlos d'Alge descobri um escritor em constante conflito diante da vida e da própria condição de ser humano. Entre o desejo de paz e de liberdade, o desencanto em ver seus sonhos findados.

Sua poesia limita-se a dois pólos distintos: o *bem* e o mal. E desespera-se ainda mais, quando sente o mal vencendo: as guerras, as injustiças sociais, a ameaça nuclear, a destruição do homem pela máquina.

O canto subjetivo do poeta mistura-se com a dor da humanidade e isto faz dos seus textos, uma poesia comprometida com a justiça e a paz do homem.

Na luta incansável, entre emoções e algumas frustrações Carlos d'Alge crê ainda "na bondade do homem" e na vitória do *bem* contra o *mal*.